

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. Trad. de Neil R. da Silva. São Paulo, Martins Fontes; Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1982. 700 p.

No começo a cidade era, simbolicamente, um mundo. Hoje, praticamente, o mundo tornou-se uma cidade: entre esses dois extremos se desenrola todo o processo da civilização. E é justamente essa longa, e sob tantos aspectos, catastrófica espiral, que se encontra estudada por Lewis Mumford na obra supra-referenciada. Mumford publicou-a em 1961, quando contava já mais de sessenta anos, o que significa que nela se encontra uma espécie de suma dos conhecimentos e observações acumulados ao longo de toda uma existência voltada ao estudo da cultura urbana.

Ao todo, 700 compactas páginas em que a erudição verdadeiramente assombrosa do grande pensador se articula poderosamente em diversos, extremamente matizados níveis de indagação antropológica. Para Mumford, o estudo da cidade é indissociável do estudo do homem, não se trata da descrição de uma colméia, trata-se da descoberta de cinco mil anos de história. Descontadas todas as diferenças culturais e cronológicas, dir-se-ia que Lewis Mumford é o Fustel de Coulanges de nosso século. Se o autor da *Cidade Antiga* se preocupou basicamente em discernir os fundamentos religiosos da cidade, erigindo assim um marco solitário e perene, Mumford é possuído por uma inquietude que se encontra no pólo oposto dessa serena postura: o que o preocupa é a tragédia da Megalópolis.

*Ci. & Tróp., Recife, 11(1): 125-148, jan./jun., 1983*

“A sociedade urbana — diz ele — chegou a um ponto em que dois são os caminhos. Há que enfrentar a decisão imediata que ora se apresenta ao homem e que, de um ou de outro modo, acabará por transformá-lo: ou se dedicará ao desenvolvimento de sua mais profunda condição humana, ou irá entregar-se às forças quase automáticas, que ele próprio desencadeou, cedendo lugar a seu desumanizado alter-ego, o homem pós-histórico. Esta segunda alternativa trará consigo uma progressiva perda do sentido, da emoção, da audácia criadora e, afinal, da consciência”.

Longe de assumir o papel de Cassandra invectivadora, de profeta da destruição, Lewis Mumford, ao contrário, analisa os fatos com a verdadeira isenção do homem de ciência, que não condena e não lisonjeia. Mas, precisamente em razão dessa neutralidade weberiana, o peso de suas palavras adquire gravidade maior. Para ele, muitas cidades, muitas organizações políticas (no sentido original da “polis” helênica) já firmaram seu compromisso com o homem pós-histórico. Essa criatura obediente — ensina — não irá precisar da cidade: o que foi outrora uma cidade reduzir-se-á às dimensões de um centro subterrâneo de controle, já que aos interesses do controle e do automatismo, todos os demais atributos da vida serão penhorados: “Antes que a maior parte da espécie humana se deixe levar a aceitar essa perspectiva, seduzida por pequenas promessas de “felicidade pneumática”, que obscureçam a ameaça total, será conveniente olhar de novo o desenvolvimento histórico do homem, naquilo em que foi configurado e moldado pela cidade. Para alcançar perspectiva suficiente das tarefas imediatas do momento, proponho-me retroceder até os começos da cidade. Precisamos de uma nova imagem da ordem, que abranjerá o orgânico e o pessoal, e acabará por abarcar todos os desempenhos e funções do homem. Somente se pudermos projetar essa imagem, seremos capazes de encontrar uma nova forma para a cidade”.

As “villes tentaculaires” há muito deixaram de ser objeto da poesia. Nos inícios da era industrial imaginava-se que a cidade do futuro não seria mais do que o desabrochar harmonioso e saudável do urbanismo passado. Supunha-se, ingenuamente, que a existência nas metrópoles do século 20 reproduziria em módulo gigantesco a justeza de relações que caracterizava os conglomerados feitos à medida do homem. Nem se suspeitava da macrocefalia, do gigantismo, da burocracia tentacular, da abolição dos limites, do congestionamento, da escravidão das multidões. É esse o sombrio quadro que esta segunda metade do 900 nos oferece. Mumford acredita que só dentro de 200 anos uma nova concepção orgânica e humana da vida urbana conseguirá destronar as divindades cibernéticas que hoje nos governam. Que nossos bisnetos possam dar-lhe razão. . .

**J. G. Nogueira Moutinho**

Museu de Arte Sacra do Estado de São Paulo